

A			Maria Reis	
				L
	I		M	
	E	N	Despojos da Noite Ração do Dia	
T		O		
P	I			A

A				L
	I		M	
	E	N		
T		O		
P	I			A

Despojos da Noite, Ração do Dia

Maria Reis

Série Alimentopia

Título: Despojos da Noite, Ração do Dia

Autora: Maria Reis

Coordenação Série Alimentopia: Fátima Vieira

Coleção Transversal – Série Alimentopia, n.º 9

1.ª Edição, Porto, novembro 2019

© U.Porto Press

Universidade do Porto

Praça Gomes Teixeira

4099-002 Porto

<http://up.pt/press>

Design: Miguel Praça

Impressão e acabamentos: Cultureprint CRL

ISBN: 978-989-746-223-8

e-ISBN: 978-989-746-224-5

Depósito legal: -----

As sociedades evoluem no sentido das perguntas que formulam. O projeto *ALIMENTOPIA* partiu da formulação de um conjunto de perguntas que convidam a uma abordagem crítica das sociedades, bem como da imaginação da forma como poderão evoluir, a partir do ponto de vista da alimentação. A Série *ALIMENTOPIA*, publicada pela U.Porto Press no âmbito da Coleção Transversal, propõe-se, nesse sentido, contribuir para a criação de uma história da literatura e da cultura focada na forma como as sociedades produzem, distribuem e preparam os seus alimentos, orientando a análise crítica pela consideração de indicadores de inclusão, desenvolvimento e sustentabilidade, aos mais variados níveis.

O Projeto Alimentopia / *Utopia, Alimentação e Futuro: o Modo de Pensar Utópico e a Construção de Sociedades Inclusivas - Um Contributo das Humanidades*, financiado por Fundos Nacionais através da FCT - Fundação para a Ciência e a Tecnologia e por Fundos FEDER através do Programa Operacional Fatores de Competitividade - COMPETE 2020 (PTDC/CPC-ELT/5676/2014 | POCI-01-0145-FEDER-016680), congregou 27 investigadores de diferentes áreas do conhecimento (Literatura, Cultura, Filosofia, Antropologia, Linguística, Ciências da Nutrição e Psiquiatria) num trabalho multidisciplinar que provou a pertinência da intersecção da área dos Estudos sobre a Utopia com a área dos Estudos sobre a Alimentação.

Nota Introdutória

Talvez só haja duas formas de escrever uma utopia. Imaginando um mundo melhor e imaginando um mundo pior. As duas formas extremadas alertam-nos para uma única certeza: as coisas são como são. Mas o que quer dizer alguém quando diz que “as coisas são como são”? Certamente também que elas são mutáveis. Que elas são, em grande parte, o que nós queremos que elas sejam, consequência dos nossos medos e da nossa ignorância, do nosso comodismo ou das nossas desistências. As coisas podem ser melhores se soubermos, pelo menos, o que não queremos que elas sejam. Entre a utopia e a distopia, duas faces da mesma moeda, há o bordo estreito da moeda que nós imaginamos.

O conto de Maria Miguel Reis foi o vencedor do 1.º prémio do Concurso literário ALIMENTOPIA, organizado pelo projeto ALIMENTOPIA / Utopian Foodways, financiado pela FCT e pelo Programa Europeu Compete 2020 (PTDC/CPC-ELT/5676/2014 | POCI-01-0145-FEDER-016680). Em boa hora o foi. Ele é, sob muitos aspetos, exemplo deste poder que a imaginação tem sobre os leitores da utopia/distopia. A protagonista deste conto é um ser humano em crescimento. Ao contrário dos pais, continua a fazer perguntas sobre o seu passado, presente e futuro. Denunciam-na o que coloca na mochila quando deixa a casa dos pais: um caderno, uma caneta, e uma fotografia. Basta isso (ou coisa parecida) para que qualquer coisa “demasiado pequena e insignificante para pensar” seja mais do que uma coisa “demasiado pequena

e insignificante para pensar”. O caderno, a caneta e a fotografia (mas só se urgentes), dizem-na um ser pensante, ou seja, um ser que reconstrói a linguagem e a perspectiva das coisas. As coisas são como são: em conflito, ainda que partes de uma guerra invisível, feita de “danos colaterais”: perguntas caladas, *slogans* entusiastas, reticências...

O limoeiro já morreu, mas ainda não foi esquecido o sabor do limão. De que nos alimentamos nós? De que alimentamos a nossa humanidade? A alimentação é ainda aqui uma moral desumanizada: uma ração a engolir, ainda que não tenha sabor. “Porque é que as etiquetas têm o nome da refeição se as pastilhas não sabem a nada?”

Porque as coisas são como são. De acordo com a natureza das ideias que temos sobre elas, as coisas são imagináveis.

Maria Luísa Malato

Iolanda Ramos

“Se uma planta não puder viver de acordo com a sua natureza, morre. O mesmo acontece com o homem.”

H.D. Thoreau,

A Desobediência Civil

“O esforço de hoje fará a vitória de amanhã”. Ouvia esta frase todas as manhãs, na rádio, enquanto vestia a minha farda cinzenta e saía. Os meus pais e a minha irmã ainda dormiam. Dirijo-me ao posto alimentar, quinze minutos a pé, e espero, em silêncio, pela minha vez. À minha frente tenho uma banca com uma carrinha por trás, de onde os funcionários retiram as rações e as distribuem. Mostro o cartão familiar e entregam-me a caixa com a ração do dia. Volto para casa em silêncio, não gosto de ficar a fazer conversa e, além disso, os meus pais precisam de comer para ir trabalhar. Entrei em casa e já estavam todos acordados, à minha espera, a ouvir as notícias da atualização da guerra, como faziam todas as manhãs. O presidente estava a fazer um discurso, que terminou como terminam todos os seus discursos, “O nosso país fará do teu um lugar melhor.” O mundo estava em guerra, mas nós não víamos imagens dessa guerra, ouvíamos os relatos no rádio, que tinha sido distribuído a todas as famílias. Apesar de nunca ter visto a guerra, sabia que ela era bem real, pois tinha levado a grandes mudanças. Os recursos eram escassos, como tínhamos sido informados, e todos os alimentos seriam para alimentar os nossos soldados, protetores do nosso país, que estavam a salvar os outros da ruína, porque o seu modelo económico não era o melhor e deviam aprender connosco. Tudo isto era explicado através dos discursos do presidente que ouvíamos. Sentámo-nos na pequena mesa de madeira e cada um pegou no seu pacote, abri o que tinha

a etiqueta “pequeno-almoço” e retirei as duas pastilhas brancas. Uma leite, a outra pão. Meti-as na boca e esperei que se dissolvessem. Não sabiam a nada, mas garantiam todos os nutrientes necessários para nos mantermos saudáveis e com energia, como dizia no livro de instruções, que tinha vindo com a primeira embalagem que fui buscar ao posto. Lembro-me desse dia porque me assustei, a minha aldeia estava uma confusão, muita gente protestava e os M.P.O., Milícia de Proteção da Ordem, estavam por todo o lado. Algumas pessoas foram espancadas e outras presas e essas nunca mais tinham voltado. Agora ninguém protestava, ninguém dizia nada. De vez em quando, faziam buscas às casas e aos postos de trabalho, à procura não sei de quê. O meu pai disse-me que procuravam traidores, que havia pessoas que contestavam a guerra e o próprio presidente. Pensei que, pela forma como viravam tudo do avesso, já deviam ter encontrado todos os traidores. Perguntei o que lhes faziam quando os encontravam e o meu pai disse que não sabia. Na verdade, eu não sabia exatamente o que a palavra “traidor” significava. Uma vez, também lhe perguntei para onde ia a carrinha que levava os meus avós, e outros avós, mas ficou tão enfurecido que me mandou calar, e disse que era demasiado nova para compreender esses assuntos.

Antes de sair para o trabalho a minha mãe chamou-me à parte para falar comigo. Amanhã vão recrutar aqui na nossa aldeia raparigas para irem trabalhar para a capital, tu tens de ir, filha. Mas porquê? Fiquei apavorada, não sabia nada da capital. Porque vamos ter de começar a pagar as rações e eu e o teu pai não temos dinheiro suficiente para os quatro. Mas vou trabalhar em quê? Onde? Em casa de pessoas importantes, vais preparar as rações deles, sabes, para as pastilhas não se confundirem e coisas assim. Vai correr tudo bem. Saíram os dois para o trabalho. Percebi, pela resposta que me tinha dado, que a minha mãe não fazia ideia do tipo de trabalho que eu iria fazer na capital, só dissera aquilo para me acalmar. Talvez estivesse certa, talvez estivesse errada. Fiquei sozinha porque a minha irmã passava o dia em casa da vizinha da frente, que tinha uma filha da idade dela. Liguei o rádio e fui arrumar as minhas coisas, que eram poucas. Dobrei as duas fardas cinzentas,

peguei num pequeno caderno que tinha guardado e numa caneta, não sabia porque decidia levar o caderno, uma fotografia de nós os quatro e guardei tudo na mochila. Peguei no balde e fui buscar água ao poço comum da aldeia, cruzei-me com o Pedro que me ajudou a carregar o balde no regresso a casa, disse-me que vinham buscá-lo e a outros rapazes para irem trabalhar para o Posto Militar Central, eu disse-lhe que no dia seguinte ia trabalhar para a capital. Despedimo-nos com um aceno e sorri-lhe. Quando a guerra começou, as escolas fecharam, pois todos os esforços estavam direcionados para a guerra e, quando esta terminasse, as aulas seriam retomadas mas com novas matérias, tudo ia ser diferente. Após o seu encerramento, cada um seguiu o seu rumo, uns foram trabalhar com os pais, outros alistaram-se na guerra, depois de terem sido deixados de parte nos recrutamentos obrigatórios e outros ficavam a ver o dia passar. Pairava uma atmosfera de estagnação, os dias corriam, uns iguais aos outros. Eu era boa aluna e tinha a ambição de continuar a estudar. Acho que agora as ambições pessoais de cada um tinham sido transformadas em ambição patriótica, todos tínhamos de amar o nosso país, as suas tradições, a sua força, o seu líder.

Abandonei estes pensamentos, pois sentia-me demasiado pequena e insignificante para pensar em tais assuntos, e arrumei a casa, como costumava fazer. À hora do almoço, a minha irmã voltou e sentámo-nos à mesa, a etiqueta do almoço dizia frango, arroz e maçã. Porque é que as etiquetas têm o nome da refeição se as pastilhas não sabem a nada?, ficou a olhar para mim à espera de uma resposta. Não sabia o que lhe responder, nunca tinha pensado nisso e fiquei surpreendida por ela, tão nova, se lembrar de uma pergunta dessas. Ora, para sabermos o que estamos a ingerir, obviamente, respondi eu. A resposta não a satisfiz o suficiente, mas não disse mais nada.

Nessa noite não dormi, estava tão nervosa com a chegada do dia seguinte que passei a noite a imaginar possíveis cenários da capital e do sítio onde iria trabalhar. De manhã, a minha mãe foi ao posto buscar a ração do dia para eu não me atrasar, vesti a farda, calcei as botas pretas e amarrei o cabelo. Desci para o pequeno-almoço, o rádio estava ligado

e estava a tocar o hino, “O meu belo país”. Sabes o hino de cor?, perguntou a minha mãe. Sei, respondi eu. O hino passava tantas vezes na rádio que o tinha memorizado sem dar conta disso. Ainda bem, disse ela. Enquanto abria a caixa da ração, pensava na pergunta que a minha irmã tinha feito no dia anterior. Fui buscar a mochila e despedi-me de todos com um abraço.

Caminhei até ao centro da aldeia, onde estavam duas grandes carrinhas e raparigas em fila, prontas para partir, tal como eu. Coloquei-me numa das filas e sorri para Sandra, que estava na fila do lado, era minha colega de turma. Como era bonita, nem a farda cinzenta lhe tirava aquela graciosidade natural, perguntei-me onde iria ela trabalhar. Quando chegou a minha vez, o homem, que estava a organizar as raparigas nas carrinhas, perguntou o meu nome e a minha idade e depois entregou-me um cartão com um número e disse, Não percas isso. Entrei na segunda carrinha e sentei-me, estavam lá mais cinco raparigas e quando entraram mais duas deram ordem para partir. A carrinha tinha duas janelas, olhei para o exterior e vi a aldeia desaparecer. Não sei quanto tempo durou a viagem, mas, provavelmente, a manhã toda, porque o meu estômago estava a fazer barulho. Comecei a ouvir imensos ruídos vindos do exterior, tanto de pessoas como de máquinas. Olhámos todas pela janela. Primeiro, reparei nos grandes edifícios, todos eles iguais, depois nas casas habitacionais, também elas idênticas, todas brancas e com um portão cinzento-escuro, algumas tinham belas plantas a rodear o portão. A carrinha começou a fazer paragens em frente a casas e as raparigas iam saindo. Ficámos parados no trânsito e, à minha frente, podia ver três grandes edifícios brancos suportados por enormes pilares. Fizeram-me lembrar algumas ilustrações, dos livros infantis que costumava ler em pequena, sobre povos antigos que tinham habitado o mundo antes de nós. No primeiro, podia ler-se Tribunal da Justiça, no segundo, o maior de todos, localizado no meio e com uma escadaria para a entrada e de onde saía e entrava mais gente, Palácio do Poder, e um terceiro, Ministério da Guerra e dos Assuntos Externos. Mais à frente, surgiu a maior fábrica que alguma vez tinha visto. Os meus pais trabalhavam numa fá-

brica, mas cujo tamanho devia ser um terço, ou nem isso, daquela. Toda em castanho, protegida por um muro que a rodeava e com um portão, que se encontrava fechado. Por cima do portão estava escrito Grande Central de Tratamento e Distribuição Alimentar. Pensei que devia ser o local onde alimentavam os soldados. Além dos edifícios, por todo o lado se viam cartazes com slogans sobre a guerra e os soldados. Fixei um deles porque já tinha lido aquela frase numa das carrinhas que vinha entregar as rações à aldeia. O cartaz tinha a imagem de um militar, com o uniforme verde-escuro, que no braço direito tinha o novo símbolo do país, e com o capacete preto, que tapava completamente a cara, e ao lado a frase “A força trará a vitória.” A carrinha voltou a parar e foi a minha vez de sair. Fiquei em frente ao portão e a porta da casa abriu-se, já deviam estar à minha espera, e saiu uma mulher com uma farda, um vestido branco, um avental azul-escuro e uma touca branca. Apresentou-se, era educada e sorriu-me várias vezes, disse que se chamava Sara e era governanta da casa, perguntei-lhe quem lá vivia, um casal e o filho. Entrámos e começou a explicar-me o trabalho que eu ia fazer. Vais servir as refeições, manter a cozinha limpa e fazer a separação alimentar ao fim do dia, disse ela. Não compreendi a última parte e questionei-a. Ficou a olhar para mim, muito séria, e perguntou, De onde é que tu vens? Disse-lhe que vivia numa aldeia que ainda não tinha nome, devido à reorganização territorial que o país estava a sofrer, e acrescentei que nunca tinha estado na capital. Pareceu ficar bastante perturbada e levantou a voz, Mas vocês agora são enviadas sem treino nenhum? Vieste diretamente da aldeia para esta casa? Sim, respondi eu. Revirou os olhos e não disse mais nada. Mostrou-me a casa mas sem abrir as portas dos quartos. Entrámos na cozinha, era grande e bem equipada, móveis brancos que guardavam conjuntos de mesa, um alto frigorífico cinzento, para que precisam eles de um frigorífico, foi o meu primeiro pensamento, uma banca com duas torneiras e uma mesa. Parei e fiquei a olhar para o centro da mesa, em cima dela estava um tabuleiro com maçãs, umas verdes e outras vermelhas. Aquilo são maçãs a sério?, perguntei. Claro, havia de ser o quê?, respondeu a governanta um pouco incomodada. Mas então e as pasti-

lhas? Como é que há maçãs aqui?, não estava a perceber nada. Olha lá, mas tu estás aqui para trabalhar ou para fazer perguntas? Fiquei a olhar para ela e não disse mais nada. Tinha entrado noutra mundo, um mundo no qual não havia aldeias lamacentas com casas de madeira e filas para tudo, sobretudo para a ração. Ali pairava uma atmosfera diferente e percebi que quanto menos questionasse, melhor. Abriu uma porta ao fundo da cozinha que dava para um pequeno corredor que tinha três portas, a primeira era do quarto dela, a segunda ia ser do meu e a terceira era de uma arrecadação. Vai arrumar as tuas coisas, toma um duche e em cima da cama tens a tua nova farda, vou preparar alguma coisa para comeres. Virou costas e voltou para a cozinha. Entrei no quarto, era pequeno, tinha uma cama, uma pequena mesa ao lado, uma cómoda com duas gavetas, uma casa de banho e uma janela. Sentei-me na cama, ao lado da minha nova farda, pousei a mochila, tirei de lá os meus poucos pertences e arrumei-os. Pousei o caderno e a caneta em cima da mesa, junto com a fotografia e guardei as fardas cinzentas na cómoda, ao lado das novas. Fui tomar duche, depois vesti a nova farda, era um vestido azul-escuro, um pouco acima do joelho, tinha uma renda branca no pescoço, um laço branco para o cabelo a condizer e uns sapatos pretos. Como teriam acertado no tamanho em tudo, pensei eu. Regressei à cozinha, Sara estava sentada à mesa, Senta-te e come, deves ter fome, disse ela, indicando, com o olhar, a cadeira. Sentei-me e à minha frente tinha uma sandes. Olhei para a sandes e depois para ela. Sara percebeu a minha confusão. Ouve, rapariga, a única coisa que te vou dizer é que não estás mais na tua aldeia e vais ter de te habituar ao que vais ver e fazer por aqui, não quero choradeiras, nem perguntas, nem queixas, estás aqui para trabalhar, tal como eu, agora come para te explicar como é servido o jantar. Comecei a comer a sandes, não sabia dizer o que tinha dentro do pão porque não me lembrava a que alimento correspondia aquele sabor. Tens sede?, perguntou Sara, Vou buscar sumo. Abriu o frigorífico, desviei o olhar, não queria ver o que tinha lá dentro. Verteu para um copo o sumo e deu-mo. Bebi, sabia a limão, era limonada, pensei eu. Tinha uma vaga recordação de a minha mãe fazer limonada com os limões que cresciam na árvore

das traseiras da nossa casa, agora já nem árvore havia, tinha morrido e nunca mais voltou a crescer. Acabei de comer e lavei as mãos, ali não era preciso ir ao poço buscar água, esta saía limpa e fresca da torneira. Na nossa casa, na maioria das vezes, abria-se a torneira e não saía nada. Sara começou a explicar, detalhadamente, as minhas tarefas naquela casa. Começou por me levar à sala onde eram servidas as refeições, enquanto explicava. Tinha de me levantar às sete horas, pois às sete e trinta chegava a carrinha com as refeições do dia pré cozinhadas, eu tinha de arrumar as refeições no frigorífico, almoço e jantar. O pequeno-almoço era às oito, era Sara que o preparava e eu servia-o. As minhas tarefas eram, concluí eu, arrumar comida e servi-la. Sara explicou que os alimentos que não vinham na carrinha era ela que ia comprá-los ao mercado, perto da Central. Ao fim do dia, depois do jantar, que era servido às oito, vinha uma carrinha recolher as sobras do dia, e eu devia separá-las. As restantes horas que tivesse livres, disse Sara, podia aproveitá-las como quisesse, mas sem sair de casa. Depois explicou a rotina do casal. O senhor chamava-se Fernando e trabalhava no Tribunal da Justiça, a mulher chamava-se Helena, tinha deixado de trabalhar após o início da guerra, saía depois do almoço, para passar a tarde com amigas num clube, Sara não sabia pormenores, e voltava ao fim da tarde. E o filho?, perguntei eu. Sara respondeu que o filho não estava em casa há mais de um mês. Quis perguntar porquê, mas achei melhor não o fazer e fiquei calada. Depois de tudo explicado e repetido por mim, para Sara ter a certeza que não me tinha esquecido de nada, fui para o meu quarto. Sara chamar-me-ia quando fossem horas de preparar e servir o jantar. Deitei-me na cama, peguei no caderno e na caneta e comecei a escrever a minha rotina, intitulei-a de “rotina da alimentação”. Apercebi-me de que a minha aldeia, assim como as outras, eram grãos de areia no meio de toda aquela grandiosidade da capital. Pensei que tínhamos sido enganados, que nos tinham mentido, mas tive medo de estar a pensar estas coisas e concentrei-me em escrever a rotina, com algumas lágrimas nos olhos. Liguei o rádio que tinha em cima da pequena mesa, estava a tocar o hino, voltei a desligá-lo.

Peguei na bandeja com alguma dificuldade e caminhei até à sala. Foi a primeira vez que vi o senhor e a senhora. Ele era careca, sério e, quando se levantou para ir buscar uma garrafa de vinho, vi como era alto e intimidante. Ela era loira, bonita, trazia um vestido preto justo, lançou-me um pequeno sorriso. Pousei a bandeja que tinha batatas assadas, fatias de carne com molho e arroz e voltei para a cozinha para ir buscar a salada que Sara tinha preparado. Fiquei encostada à parede da sala, era esse o meu dever, enquanto o senhor e a senhora comiam. Só conseguia pensar na quantidade de comida que estava na mesa, apenas para duas pessoas. Ainda por cima, reparei que a senhora pouco comia e estava quase sempre com o copo de vinho na mão. Fez-me sinal para me aproximar, perguntou-me como me chamava, de onde vinha, se já sabia todas as minhas funções e se gostava da casa. Respondi a tudo. Não acho bem teres um cabelo tão comprido quando passas o dia a tratar da nossa comida, amanhã pede à Sara para to cortar, é mais higiénico para todos, disse ela. Acenei com a cabeça e voltei a recuar para o meu lugar. O senhor falava sem parar do trabalho e ela interrompeu-o, Quando é que o meu filho volta para casa? O senhor ficou calado por uns momentos e depois disse, Estou farto de te dizer faço todos os possíveis para que ele volte, Pelos vistos não chega, disse ela. O senhor irritou-se e bateu com a mão na mesa, Caramba, Helena, será que não entendes que não é assim tão fácil? Se não fosse a minha influência ele já estaria morto, o nosso filho está preso e vai ficar preso, até eu conseguir inventar uma história que justifique o que ele estava a fazer naquele local com aquela gente. A senhora não disse mais nada e o senhor, enquanto se servia de mais comida e me pedia para lhe encher o copo, acrescentou ainda, E nada de conversas fora de casa sobre este assunto, ninguém, mas ninguém pode sonhar sequer que temos esta... esta... esta vergonha na família, percebeste? Helena acenou com a cabeça.

Os dias foram passando e a minha nova vida rapidamente deixou de ser nova e passou a normal. Dedicava-me à rotina da alimentação, servia o senhor e a senhora, fazia companhia a Sara nas compras da casa, lia o livro sobre o presidente, que o senhor me tinha dado, aprendi o signi-

ficado de muitas palavras que ouvia e não compreendia, e comecei, por iniciativa minha, a arranjar o pequeno jardim da entrada, que estava ao abandono. Mas, por mais que tentasse, não havia meio de as plantas crescerem. Tentava não pensar na minha casa na aldeia, nos meus pais, na minha irmã e, sobretudo, tentava não pensar na fila para a ração e nas pastilhas. Há comida, pensava eu, e não é só para os soldados. O que é que fazem com todos estes restos, lá na fábrica?, perguntei uma noite a Sara, Achava que sabias, disse ela. Queres saber o que fazem com os restos?, disse uma voz que vinha da entrada da cozinha. Era o filho do senhor e da senhora que tinha chegado na noite anterior, quando já estávamos todos a dormir e tinha passado o dia todo no quarto com a mãe e um médico. Olhou para mim de alto a baixo, intrigado, De onde é que tu és? Tinha lábios salientes e o inferior estava inchado, mancava de uma perna e caminhava com ajuda de uma bengala. Quando lhe respondi, arregalou os olhos, encobertos por olheiras profundas e dolorosas. Ora, André, vai para o teu quarto, a senhora não quer que andes pela casa, tens de descansar e recuperar, disse Sara, Vou preparar um chá e já te levo. André não disse mais nada, lançou um olhar pela cozinha e virou costas. Continuei as minhas tarefas e fui para o quarto.

Pela forma como discutiam ao jantar, percebi que havia discordâncias entre o senhor e o filho. O primeiro era um homem com um cargo importante e um grande apoiante da guerra e do presidente, o segundo era um contestatário, um agitador, um traidor, como o pai lhe chamava muitas vezes, que só ainda não tinha sido morto por influência sua. Uma noite, o senhor gritou que estava farto daquilo e que, no dia seguinte, ia alistar o filho no exército para ir para a guerra e deixar-se daquelas ideias. A senhora não dizia nada, por medo ou por concordância, nunca saberei. Nessa mesma noite, depois de entregar os restos aos funcionários da Grande Central de Tratamento e Distribuição Alimentar, fui regar as plantas do pequeno jardim, que continuavam sem crescer. Elas nunca vão crescer, sabes?, levantei-me e o rapaz estava em pé atrás de mim, Toda essa relva e essa terra são falsas, aqui nunca nada irá crescer. Não sabia o que lhe responder e ele continuou, Não cheguei a responder

à tua pergunta no outro dia, mas antes, diz-me, tu és das aldeias? Disse-lhe que sim. Eu vou morrer na guerra, não posso lutar por algo em que não acredito. Avançou para mim, baixou o tom de voz e disse, Eu vi tudo o que se faz com a comida neste país e é assustador, o exército tem quantidades de comida que nunca poderás imaginar e aqui, na Capital, parecem reis à mesa. Fez uma pausa. Os restos que separas durante o dia, como se faz em todas as casas aqui na Capital, voltam para a Central e vão para laboratórios; lá, são estudados para fazer as pastilhas que vos entregam nas aldeias. Deixei cair o regador. Por isso, se pensarmos bem, é possível que os nossos despojos de hoje sejam amanhã a ração da tua família. Como pode alguém viver num mundo assim?

Sobre a autora

Maria Miguel Reis é estudante na Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Licenciou-se em História e encontra-se no segundo ano de mestrado em Estudos Literários, Culturais e Interartes. A sua dissertação insere-se na área das intermedialidades, mais especificamente, a poesia e o cinema. Interessa-se por diversas questões, como a poesia portuguesa contemporânea, o cinema, o teatro do absurdo e questões políticas e utópicas da atualidade.



CIÊNCIA, TECNOLOGIA
E ENSINO SUPERIOR



Projeto financiado por Fundos FEDER através do Programa Operacional Competitividade e Internacionalização - COMPETE 2020 e por Fundos Nacionais através da FCT - Fundação para a Ciência e a Tecnologia no âmbito do projeto POCI-01-0145-FEDER-016686 (PTDC/PCP/ELT/15678/2014).



<http://up.pt/press>



Ciência, Tecnologia e Inovação



Projeto financiado por Fundos FEDER através do Programa Operacional Competitividade e Internacionalização - COMPETE 2020 e por Fundos Nacionais através da FCT - Fundação para a Ciência e a Tecnologia no âmbito do projeto PTDC/CPC-ELT/5676/2014 | POCI-01-0145-FEDER-016680.

ISEN 978-989-746-223-8



9 789897 462238 >